

# Um estudo sociolinguístico das variedades linguísticas apresentadas em um programa televisivo

*A sociolinguistics study of linguistics varieties presented  
in a televising program*

**Daniela Plachi**

Doutorado em Letras Filologia  
e Língua Portuguesa – USP.  
São Paulo, SP [Brasil]  
daniela\_plachi@yahoo.com.br

## Resumo

Apresentam-se, neste trabalho, avaliações e julgamentos linguísticos que sujeitos entrevistados fizeram a respeito das variedades da língua portuguesa expressas na telenovela global *Chocolate com pimenta*. O estudo volta-se para as falas das personagens principais, habitantes de uma zona rural e as de um núcleo urbano, de modo a verificar o diálogo existente entre esse gênero televisivo e o telespectador, por meio do julgamento que esses sujeitos fazem dessas variedades linguísticas. Os resultados mostraram que os programas televisivos interferem no julgamento dos sujeitos, as variedades estigmatizadas são avaliadas de forma negativa e as espécies de prestígio são avaliadas positivamente pelos entrevistados.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas. Estereótipo. Variedade estigmatizada.

## Abstract

In this work are presented linguistics evaluations and analyses made by some interviewed people about the variety of the Portuguese language which is spoken in the Brazilian soap opera *Chocolate com pimenta*. A research was made about the speech between the main characters of the soap opera who live in the town and those who live in the urban area with the purpose to verify the dialogue between the public who watches the soap opera and the characters as well, with the purpose to analyses the different types of linguistics aspects. The results showed cleared that the soap opera directly interferes in the judgments of the persons. The popular linguistics varieties are negatively evaluated and the most cultural linguistics varieties are positively evaluated by the interviewed people.

**Key words:** Linguistics attitudes. Popular variety speech. Stereotypes.

---

## 1 Introdução

De onde vêm as avaliações negativas acerca de variedades socialmente estigmatizadas? Por que algumas variedades são mais prestigiadas do que outras nos meios de comunicação? Os meios de comunicação têm algum poder de influência sobre a forma como os telespectadores avaliam as variedades linguísticas apresentadas diariamente na televisão? Essas e muitas outras perguntas têm intrigado pesquisadores que se dedicam a estudar o julgamento e as avaliações linguísticas que os sujeitos fazem sobre determinadas variedades.

As pesquisas em atitudes, avaliações e julgamentos linguísticos fazem parte de um campo heterogêneo de estudos que pertence à Sociolinguística – ciência que tem como objeto de estudo a língua falada observada, descrita e analisada em seu contexto social. O objetivo de realizar estudos em atitudes linguísticas consiste em analisar o julgamento que os falantes fazem de seu próprio comportamento linguístico e sobre o comportamento de outros falantes (ALKIMIM, 2001). Seguindo essa linha de estudo, neste artigo tenta-se contribuir para a compreensão das avaliações que os sujeitos fazem a respeito das variedades apresentadas em um programa televisivo.

A hipótese inicial deste artigo é que os programas televisivos influenciam os sujeitos a avaliar negativamente as variedades estigmatizadas. Ressaltamos que o foco principal deste trabalho é o indivíduo e a forma como ele avalia crítica, julga as diferentes variedades apresentadas nos meios de comunicação, de modo a permitir que os sujeitos se manifestem, pois, compreendemos que, por meio das atitudes linguísticas dos sujeitos, pode estar presente a motivação das mudanças em seus comportamentos. Procuramos focalizar as representações

que os sujeitos têm construído sobre os sotaques e os estereótipos que os programas televisivos tendem a apresentar.

No que se refere a sua estruturação, este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos a fundamentação teórica utilizada para a realização deste estudo, em seguida descrevemos a metodologia, os resultados obtidos e as considerações finais.

## 2 Fundamentação teórica

É no campo da Psicologia Social que surgem as primeiras discussões sobre atitudes linguísticas, especificamente, na Psicologia Social da Escola Europeia<sup>1</sup>, que já aponta em seus trabalhos preocupações com a linguagem. Entretanto, coube ao psicólogo canadense Wallace Lambert, a contribuição mais significativa para os estudos em atitudes linguísticas.

Calvet (2001) afirma que, na década 60 do século passado, Lambert estudou o bilinguismo franco-inglês, na cidade de Montreal. O objetivo do trabalho era o de explorar as avaliações de personalidades no contexto de falantes do inglês e do francês canadenses. A técnica que o psicólogo utilizou foi a *matched-guise* que consistia em pedir a juízes que escutassem gravações de trechos em prosa lidos e, depois, avaliassem a personalidade dos falantes. Lambert usou os mesmos falantes bilíngues. A técnica gerou resultados inesperados, como comenta Calvet:

Os resultados da experiência são bastante interessantes. De um lado os jurados não davam conta de que as duas gravações eram produzidas por uma só pessoa. Por

---

outro os “jurados” de fato não avaliavam as vozes, como eram convidados a fazê-lo, mas as línguas. (CALVET, 2001, p. 66).

Calvet destaca, também, que o resultado da experiência de Lambert mostrou que os falantes do inglês canadense fizeram avaliações preconcebidas em favor dos do inglês canadense. Os informantes da pesquisa classificaram tais falantes como sendo de melhor aparência, mais altos, mais inteligentes do que aqueles que simulavam o francês canadense.

Desse modo, a técnica desenvolvida por Lambert possibilitou a manipulação de “dicas” das características sociais sobre uma determinada língua ou dialeto, com o objetivo de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas particularidades ou variações. A técnica criada por Lambert foi aplicada, evidentemente, neste artigo, contudo algumas adequações foram necessárias, conforme veremos adiante.

Outra pesquisa relevante em atitudes linguísticas é a de Schileben-Lange (1993) que apresenta uma arguta reflexão a respeito do discurso público da língua e do saber linguístico. A pesquisa de Schileben-Lange foi desenvolvida na cidade de Bagnols-sur-Cèze, no Sul da França, e consistiu em verificar se o idioma occitânico ainda é falado nessa cidade, para averiguar as formas pelas quais essa linguagem continua e se existe a consciência dos sujeitos falantes da comunidade a respeito dessa condição linguística. A hipótese Schileben-Lange (1993) partiu do fato de possibilitar a identificação qual a comunidade da fala occitânica poderia caracterizar-se por um fenômeno denominado de “bilinguismo encoberto”. Para o desenvolvimento de seu trabalho, Schileben-Lange fez uso das entrevistas, conforme afirma nas

As entrevistas que realizei tiveram duas partes: para o começo e o final foi prevista uma troca informal de opiniões sobre a situação lingüística. Para tanto, teve presente um esquema preciso sobre os temas que deveriam vir à tona; mas, quando foi o caso, deixamo-nos levar pelas associações dos falantes. Para o centro da entrevista estabeleci uma série de perguntas e respostas sobre os conhecimentos ativos e passivos (SCHILEBEN-LANGE, 1993, p. 98).

A partir do trabalho desse autor com o occitano, na França, desconstruiu-se a homogeneidade em que se pautavam os estudos em atitudes linguísticas. Em sua proposta, a linguista observa duas conclusões distintas em relação às atitudes linguísticas: (i) um saber sobre a língua e (ii) um discurso público sobre a língua. Sobre esse saber, Schileben-Lange escreve:

Os falantes de uma língua sabem muito bem sobre ela e são capazes de explicitar esses saber até um determinado grau: eles podem dizer quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são os estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são os surpreendentes e novos, e podem, até um determinado grau, identificar as variantes (geográficas, sociais e estilísticas) de sua língua. Também podem relatar com quem e em que situações eles se comunicaram com sucesso em sua língua e quem, além deles, a fala. Tudo isso são generalizações de experiências, abstrações da prática lingüística que se baseiam novamente nela

---

de maneira constitutiva. (SCHILEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

E, sobre o discurso público, a linguista acrescenta que:

De um outro lado há um discurso público sobre a língua, as línguas e a fala que, ao longo de amplos períodos, pode ser transmitido, embora esteja superado pela prática e experiência linguística. Os argumentos desse discurso público (ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si) têm a forma elementar de estereótipos e assim são facilmente disponíveis e incorporáveis. Muitas vezes é relativamente fácil reconstruir a situação histórica na quais tais elementos discursivos foram lançados e integrados ao sistema. (SCHILEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

No Brasil as pesquisas que investigam as atitudes linguísticas têm um número significativo de trabalhos. Traçaremos um breve percurso do desenvolvimento dessas pesquisas, com objetivo de mostrar o diálogo que se fez com esses trabalhos. Como não pretendemos fazer uma apresentação exaustiva dos estudos brasileiros em atitudes linguísticas, destacamos aqui o trabalho de três linguistas: Alves (1979); Barbosa (2002) e Leite (2004).

Alves (1979) investigou as tendências nas atitudes linguísticas dos nordestinos residentes na cidade de São Paulo, em relação às variedades linguísticas nordestinas e paulistas. Duas hipóteses nortearam a pesquisa de Alves (1979): (i) a primeira é a de que nordestinos em São Paulo, pertencentes a um nível socioeconômico cultural baixo, chamado de Grupo (B), tendiam a apresentar atitudes lin-

guísticas mais positivas, em relação às variedades linguísticas paulistanas; (ii) a segunda é a de que, nordestinos pertencentes a um nível socioeconômico cultural alto, chamado Grupo (A), tendiam a apresentar atitudes linguísticas mais positivas em relação às variedades linguísticas nativas. O resultado da pesquisa apontou que o Grupo A prestigiava as variedades linguísticas regionais nordestinas; diferentemente do Grupo B, que estigmatizava o seu dialeto em favor do falar paulistano atitude atribuída por Alves às perspectivas otimistas nas quais os falantes enquadravam a cidade de São Paulo.

O estudo de Barbosa (2002) teve como finalidade principal investigar as falas dos indivíduos nascidos no Distrito Federal – segundo a hipótese da autora – para definir padrões linguísticos diversos daqueles utilizados por seus pais. Para a linguista, esse fenômeno tem-se refletido principalmente na constituição de uma pronúncia particular e nova, emoldurada em um discurso corrente, em busca de uma fala neutra e sem sotaque. A autora concluiu que os informantes entrevistados reconhecem que há uma fala regional particular dos brasilienses, da mesma forma como os informantes definem essa fala como um não-sotaque, isto é, uma fala sem traços característicos. Isso mostra que os brasilienses ratificam a imagem externa que existe do Distrito Federal, ou seja, a mesma ideia de modernidade que promoveu a construção da capital do Brasil: um lugar sem fronteiras geográficas e/ou dialetais em um só país; um espaço de todos os brasileiros.

O trabalho de Leite (2004) por sua vez, investiga as atitudes linguísticas de estudantes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), oriundos do interior do Estado de São Paulo, diante da pronúncia /r/ retroflexo. A hipótese do seu trabalho partiu de suas observações empíricas sobre a forma negativa que a pronúncia do /r/ retroflexo era

---

avaliada pelos estudantes. Além disso, a linguista observou que existia por parte dos estudantes uma tentativa de acobertar a pronúncia e isso acontecia por acreditarem que a fala de Campinas é uma forma intermediária de expressão. A pesquisadora analisou os depoimentos de oito estudantes da cidade de São José do Rio Preto e de quatro campineiros. Os testemunhos seguiram um roteiro de entrevista no qual eram estimulados a expor as avaliações que faziam da sua fala e de que forma era recebida em seu meio social. O resultado do trabalho de Leite (2004) mostrou que os informantes percebem o estigma que recobre a realização da aproximante retroflexa. Além disso, os sujeitos manifestavam o desejo de alterar sua pronúncia almejando atingir um padrão intermediário apontado como típico do dialeto campineiro.

De um modo geral as pesquisas, aqui apresentadas, foram importantes para o desenvolvimento deste estudo. Destacamos a seguir três importantes reflexões promovidas por esses trabalhos, são elas:

- O poder diferenciador de grupos sociais específicos se reflete nas variedades linguísticas que lhe são peculiares e nas atitudes individuais em relação às variações;
- Os trabalhos verificariam que o grupo dominante promove seus padrões de uso linguístico como modelo necessário ao avanço social, enquanto a língua, o dialeto ou variedade de menor prestígio dos grupos minoritários vêm reduzidas suas oportunidades de sucesso na sociedade como um todo;
- Os sujeitos do grupo minoritário, frequentemente, estão diante de uma tomada de decisão: devem manter os padrões linguísticos do grupo dominante ou devem manter seu estilo de fala.

### 3 Metodologia

Os trabalhos em atitudes linguísticas apresentam uma série de complexidades, pois trabalhamos com avaliações e julgamentos dos sujeitos diante de outras variedades. Nesta seção apresentamos seleção do *corpus*, roteiro de entrevista, seleção dos sujeitos, e aplicação das entrevistas.

#### 3.1 Seleção do *corpus*

O programa televisivo selecionado foi uma parte de uma telenovela<sup>2</sup>. Escolhemos uma cena, na qual duas variedades linguísticas estavam presentes: a variedade urbana e a variedade rural. Optamos em trabalhar com um trecho de uma telenovela porque esse tipo de programa tende a ter grande aceitação do público.

#### 3.2 Roteiro de entrevista

O roteiro de entrevista tinha como objetivo avaliar o modo como os sujeitos percebiam as variedades apresentadas no programa televisivo selecionado. Além disso, tinha também o objetivo de incitar uma opinião geral dos entrevistados sobre a identificação das variedades do português presente no *corpus* e verificar as manifestações afetivas dos sujeitos entrevistados quando de sua representação por meio da telenovela.

A entrevista é constituída de perguntas não-diretivas, compostas por indagações de opinião. No total gravamos quatro fitas. De uma maneira geral, o roteiro da entrevista produziu material para análise grandemente produtivo, pois os sujeitos tiveram um “espaço livre” para manifestar suas opiniões e avaliações sobre as falas apresentadas na telenovela. Por esse fator, não optamos por um modelo defini-

---

tivo de entrevista, mas um roteiro flexível. A seguir apresentamos o roteiro de entrevista aplicado:

- a) No seu meio social você já percebeu se algum conhecido seu fala como o personagem que mora no interior? Você pode imitá-lo?
- b) Em sua opinião porque os personagens que moram no interior aparecem sempre em situação humorística ou engraçada na telenovela?
- c) Em sua opinião a novela mostra um falar típico do interior? Qual seria essa fala?
- d) Esse falar típico é representado na telenovela?
- e) Em sua opinião as falas dos personagens são tratadas da mesma forma?
- f) Se você pudesse escolher uma fala, qual você escolheria?
- g) Qual fala você não escolheria?

### 3.3 Seleção dos sujeitos

Na seleção dos sujeitos levamos em consideração as seguintes variáveis: (i) faixa etária: trabalhamos com faixa etária de 20 a 35 anos; (ii) variável sexo: trabalhamos com essa variável porque a telenovela tende a ser assistida mais por mulheres; (iii) se profissional de Letras: trabalhamos com quem tem noções de estudos linguísticos e outros que não possuem nenhum conhecimento nessa área; (iv) escolaridade: nessa variável, o universo é constituído de sujeitos com escolaridade de níveis fundamental, médio e superior. Essa variável também está ligada ao *status* socioeconômico dos entrevistados.

Selecionamos cinco sujeitos, três do sexo feminino e dois do masculino. Uma informante denominada de (inf 1) possui nível superior na área de Letras, trabalha como professora de Língua

Portuguesa e tem 30 anos de idade. A informante número dois (inf 2) possui o Ensino Fundamental, trabalha como empregada doméstica, possui 20 anos. A número três (inf 3) tem 17 anos, é estudante do Ensino Médio e trabalha como vendedora. O informante número 4 (inf 4) é técnico em informática, não possui nível superior e está com 24 anos. O informante número 5 (inf 5) tem nível superior em Comunicação Social, tem 35 anos de idade e exerce a profissão de jornalista.

### 3.4 Aplicação das entrevistas

Na aplicação das entrevistas, os sujeitos foram convidados a assistir a um trecho do programa televisivo selecionado e, em seguida, responderam à entrevista em uma sala fechada.

### 3.5 Trechos das entrevistas

Nesta seção apresentamos alguns trechos das entrevistas. Na primeira questão pedimos que eles demonstrassem, por meio de exemplos, a fala do personagem que mais diferença marcava no programa escolhido. A opinião mais recorrente dos participantes centralizou-se em dois aspectos: o primeiro, no qual os falantes eram estigmatizados ao falar “puxam r” e, a segunda, que os sujeitos, chamados comumente de “caipiras”, falam cantando. Conforme demonstram as transcrições<sup>3</sup> a seguir:

Inf 1 - Ah! Eles falam muito puxado o [R] então Deus o livre, cara, vai que vai, uma beleza. Tipo a poRta foi para trás da poRta;  
Inf 2 - Eu acho que ela se caracteriza pela... pela... pelo reforço em algumas letras, em algum fonemas poRta, principalmente com /s/ ou com /r/.

---

Ainda nesse aspecto, os sujeitos manifestaram que o contexto rural em que o falante está inserido influencia na fala e que o português falado na cidade é o mais correto. Como afirma o informante três:

Info 3 – É...as pessoas da cidade por terem maior acesso a escola e tal, eles fala, tentam falar o português mais certinho, num tem tantos vícios de linguagem, já que as pessoas que vivem no campo vão adquirindo esses vícios, essas expressões como quais poRta.

Os entrevistados demonstraram que existe certo exagero na telenovela ao mostrar as variedades do interior. Entretanto, por ser novela humorística, esse exagero se justifica.

Inf4 - Eu acho que eles alopram... acho que as pessoas não falam tanto assim... acho que isso é mais pra dar efeito de humorístico pra fazer um público rir.

Nas entrevistas pediu-se aos entrevistados que opinassem sobre qual a razão das personagens falantes das variedades estigmatizadas sempre aparecerem em situações engraçadas. Os sujeitos afirmaram que a diferença de níveis culturais, no caso a cultura da cidade *versus* a cultura de uma localidade rural, provoca riso, mas que esse tom caricatural tende a ser discriminatório, pois esses hábitos culturais entram em choque.

Inf 3 - Não que eles sempre apareçam em situação engraçada mas só a forma com que eles falam ... acho que a novela se

aproveitou disso para que se tornasse a maneira com que eles falam engraçada;

Inf 4 - Porque as telenovelas... elas passam, elas são passadas em ambientes urbanos então tudo que é diferente ele tem uma certa discriminação então as pessoas são discriminadas porque elas não se comportam...de maneira considerada padrão, então elas são motivo de chacota;;

Inf - 5 Porque não é normal ao nosso convívio... urbano: esse tipo de coisa eles exploram.

Os entrevistados afirmaram que já conheciam ou já tinha ouvido falar de alguma piada, história, engraçada, relacionada ao indivíduo que fala da mesma forma que os personagens da telenovela. Nessa questão, grande parte dos sujeitos afirmou conhecer alguma história, mas que no momento da entrevista não lembravam nenhuma piada. Poucos foram os que contaram história ou piada conforme exemplifica a fala de um dos sujeitos entrevistados:

Inf 1 – Claro, claro, claro, bom era do interior de Minas e aí::: chegou o fiscal do Ibama dentro de casa de um, de um caipira e perguntou para ele: é, meu senhor, como é que tao as coisas por aqui? Ne, tem muita caça aí, o senhor respondeu tem muita caça - mas vi::xi, quanta caça, seu!

De uma maneira geral, o resultado das entrevistas possibilitou um excelente material para análise. Por meio das avaliações dos sujeitos podemos observar como eles avaliam as variedades apresentadas na telenovela. A seguir apresentamos a análise das entrevistas.

---

## 4 Resultados obtidos

Neste artigo investigamos as atitudes linguísticas dos sujeitos diante das variedades estigmatizadas apresentadas em um programa televisivo. Os resultados das entrevistas confirmaram a hipótese inicial: a de que a telenovela tende a reforçar nos sujeitos atitudes negativas das variedades estigmatizadas (dialetos caipiras ou de origem rural) e atitudes positivas em relação às variedades socialmente prestigiadas (falantes dos conglomerados urbanos).

Além disso, detectamos que fatores como a faixa etária, o sexo, a escolaridade e os sujeitos serem ou não profissionais da área da linguagem, não determina a avaliação negativa ou positiva das variedades apresentadas na telenovela. Todos os sujeitos entrevistados reconhecem que existe diferença de fala explícita na telenovela, notada ainda mais em relação às variedades estigmatizadas.

Os sujeitos afirmaram que as características mais comuns atribuídas a essa variedade são as que “falam arrastado” e “falam puxando o R”. Ao reconhecer essa característica os sujeitos acreditam que a telenovela tende a reforçar estigmas e induzir avaliações negativas em relação às variedades estigmatizadas, sem considerar as diferenças dialetais entre o núcleo urbano e o rural.

No caso da telenovela, a intenção do autor parece provocar humor no telespectador. Contudo, esse humor, obtido por meio das falas estigmatizadas, reforça nos sujeitos uma avaliação negativa em relação às mesmas. Os sujeitos têm consciência que os indivíduos falantes dessas variedades são alvo de rejeições, mesmo tentando ignorá-las, ainda é explícito o desconforto causado.

Destaca-se na avaliação dos sujeitos, dependendo do contexto em que este falante está inserido, sua fala pode ser ou não aceita, socialmente. Para

os sujeitos existe, de fato, uma falar típico do interior caracterizado pela pronúncia, o que mostra que essa variedade pode marcar diferenças sociais. Por meio de seu uso, denotam-se a qual classe social pertencem os falantes. No caso da telenovela, os sujeitos avaliaram que essa fala, típica do interior, é representada pelos atores de forma exagerada e irônica.

Os sujeitos compreendem que os falantes das variedades estigmatizadas aparecem em situações humorísticas, motivados por sua fala e pelos estigmas sociais que esses indivíduos carregam. Isso não ocorre com a variedade urbana. Os sujeitos avaliaram que as diferenças de fala são positivas, pois mostram a diversidade cultural do Brasil; mas os entrevistados destacaram, ainda, que existe certa tendência da telenovela em criar imagem pejorativa das variedades do interior (dialetos caipiras, interioranos ou caboclos). Essa postura pode influenciar conceitos ou preconceitos que os telespectadores desenvolvem sobre as variedades linguísticas estigmatizadas. Desse modo, os resultados nos levam a afirmar que a telenovela possibilita a manutenção de avaliações negativas em relação às variedades estigmatizadas.

Todos os entrevistados eram nascidos na região Norte, especificamente no Estado do Pará, que afirmaram que a fala paraense quase nunca aparece naquele gênero televisivo e quando aparece, é de forma pejorativa. Mesmo que a variedade paraense não sendo representada na telenovela *Chocolate com pimenta*, questionou-se como os sujeitos reagiriam a tal representação. Observou-se que os entrevistados avaliaram negativamente o fato de ter sua fala imitada, principalmente, quando é comparada (igual) à fala do nordestino.

As opiniões dos sujeitos mostraram o que Schlieben-Lange (1993) discute em seu trabalho sobre a história do falar e os discursos públicos sobre a língua:

---

De um lado há um discurso público sobre a língua, as línguas e a s fala que, ao longo de amplos períodos, pode ser transmitido, embora esteja superado pela prática e experiência lingüística. Os argumentos desse discurso público (ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si) têm a mesma forma elementar de estereótipos e assim são facilmente disponíveis incorporáveis [...] Assim, o discurso público contém avaliações, isto é, julgamentos sobre o “bonito”, “feio”, “bom” e “ruim”. (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

Existem dois pontos centrais nos resultados obtidos acerca das avaliações dos sujeitos acerca das variedades apresentadas na telenovela: (i) os entrevistados repetem elementos do discurso público sobre determinada variedade, como é o caso das variedades do interior, que são estereotipadas; (ii) baseiam-se nas experiências em relação a sua e a outras variedades. Esses dois pontos são também destacados nos estudos de Schlieben-Lange (1993). Conforme afirma a autora

Se um membro de uma comunidade de fala se manifesta por qualquer razão sobre sua língua ou sobre as línguas ou formas lingüísticas que concorrem no seu mundo cotidiano, observa-se, então, nas suas enunciações a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados: de um lado, esse falante explicita seu saber, que se baseia nas suas práticas e experiências, ao mesmo tempo que é fundador delas; de outro lado, ele repete elementos do discurso público (ou inclusive de outros elementos com ele concorrentes), discurso

alas que tem uma existência autônima (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 96).

## 5 Considerações finais

Não é recorrente nos estudos em atitude lingüística apresentarem como objeto de investigação programas televisivos, do gênero telenovela; esse foi, na verdade, um dos grandes obstáculos para a execução deste trabalho, já que é escassa a quantidade de trabalhos que tratem especificamente dessa temática. Porém, é fato que os programas televisivos exercem uma significativa influência nas opiniões dos telespectadores, em termos lingüísticos isso precisa ser considerado. Algumas questões destacadas neste trabalho podem vir a ser posteriormente aprofundadas, como por exemplo, verificar as avaliações e julgamentos lingüísticos que os sujeitos fazem sobre as variedades nordestinas apresentadas nos programas televisivos.

## Notas

- 1 A Psicologia Social desenvolvida na Europa considerava ser impossível abordar o fenômeno da variação lingüística, sem levar questões como as atitudes.
- 2 A telenovela selecionada foi *Chocolate com pimenta*, transmitida pela Rede Globo, em 2004.
- 3 As transcrições seguiram as orientações do Projeto Nurc.

## Referências

ALENCAR, Mauro. *A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

---

ALKMIM, Tânia Maria; CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (org.). *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1

ALVES, Maria Isolete. *Atitudes lingüísticas do nordestino em São Paulo*: abordagem prévia. Dissertação. (Mestrado)- Campinas: Unicamp/IEL, 1979.

BARBOSA, Adriana. *Brasilienses e a idéia de não sotaque no processo de formação de identidade brasiliense*. Campinas. Dissertação de mestrado, Campinas: Unicamp/IEL 2002.

CALVET, Louis-Jeean. *Sociolingüística: Uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 1993.

LEITE, Candida. *Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004, Campinas. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Campinas: Unicamp/IEL, 2004.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da Lingüística*. Tradução: Fernando Tarallo et.al. Campinas: Unicamp, 1993.

recebido em 2 dez. 2009 / aprovado em 3 mar. 2010

Para referenciar este texto:

PLACHI, D. Um estudo sociolinguístico das variedades lingüísticas apresentadas em um programa televisivo. *Dialogia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 47-56, 2010.